

(RE)MEMBERING / (FOR)GETTING de Rita GT
curadoria de George Shire

Lembrar / Esquecer: a história difícil da cerâmica em Portugal e além-mar

Um convite para 'lembrar / esquecer' [(re)member / (for)get', escrito assim no texto original, coment. trad.], é um convite para lembrar e esquecer algo, bem como simultaneamente partir e 'desmembrar' isso e 'obter' novamente algo mas diferente. É uma tentativa fugaz de re-imaginar as nossas histórias de forma alternativa.

No centro de todos os poderes imperialistas, Portugal incluído, esteve sempre uma habilidade incrível de esquecer, uma fábrica incrível de esquecimento. A tarefa dos artistas, escritores e pensadores é de analisar este processo de 'lembrar e esquecer'. Artistas e pensadores que se encontram nas margens por causa do seu trabalho acerca de assuntos como identidade e tudo o que se apresenta como diferente, oferecem-nos uma possibilidade não-colonial (decolonial, no texto original, com. trad.) e não-ocidental (dewestern, no texto original, com. trad.) para podermos confrontar essa história da modernidade que teve seu início no século XV, história essa que começou em 1492 e que tantas vezes é descrita como sendo uma descoberta e exploração, e muitas vezes eufemisticamente denominada como encontro – uma catástrofe para os povos indígenas e crise do pensamento Europeu. O desafio que temos de enfrentar agora é o convite à lembrança para através da construção da diferença ajudar-nos a conceber uma linha de pensamento sobre o interstício entre a memória da nossa história, origem e deslocamentos do passado e do presente, para descobrir um método para a criação de um novo processo de lembrança.

A cerâmica é um símbolo da história portuguesa. Ao fazer parte da esfera do doméstico a cerâmica projeta-se no centro da produção e circulação ideológica do trabalho com preocupações de género e feministas. Quando penso e teço as minhas considerações, situo-me sempre a partir do continente africano do sul. Os Portugueses estiveram presentes na região durante 400 anos, a começar com as 'explorações e descobertas' de Vasco da Gama, muito antes que os Britânicos chegaram, e isso só há 100 anos. Vasco da Gama e outros trouxeram o azulejo, a cerâmica e ornamentos portugueses nestas assim-chamadas viagens de descoberta e exploração.

Escreveu-se muito sobre como estes colonialistas e colonos estavam em vantagem nas suas chegadas em África, no Brasil e nas várias ilhas perdidas no oceano Índico; mas muito pouco foi escrito sobre as vidas das mulheres que acompanharam esses 'exploradores' ou as mulheres que também saíram para viver nas colónias novas. O argumento aqui é de ler a cerâmica como símbolo da história portuguesa que nos dá a possibilidade de tornar visível as experiências destas mulheres que chegaram às costas de África e do Brasil, e lembrar como género e sexualidade foram reconfigurados.

Nasci no Zimbabué rural, na aldeia Mashinge cerca de 25 milhas a norte de Harare. Na cozinha da minha avó havia algumas jarras de barro grandes e bonitas. A cozinha tradicional era um espaço de apresentação como de obras de arte se tratasse, com prateleiras cheias de objectos de barro polido. A cozinha era o abrigo e o centro de tudo que acontecia no nosso lar. Crianças nasciam, cozinhava-se a comida, cerimónias tinham lugar aqui. Quando alguém morria, seu corpo era guardado aqui durante a noite, neste abrigo formado pela cozinha. A minha avó dizia que a cozinha era onde tudo começa e onde tudo acaba, com a nossa última noite em terra. A decoração das cozinhas era cheia de cores com jarras de barro polidas bonitas e untadas de óleo de manteiga de amendoim. Quem fazia a loiça de barro eram as mulheres, bem como também eram elas as decoradoras das cozinhas e as outras divisões da lide da casa. Os portugueses e os outros poderes imperialistas trouxeram com eles multidões de missionários cristãos. Esses missionários levaram a cabo campanhas que viram essas mesmas jarras de barro tiradas e destruídas porque eram consideradas um elo de ligação com os nossos ancestrais e por isso pecaminosas.

Quando as mulheres que acompanharam os exploradores chegaram a África, ao Brasil e a todos os outros sítios, a sua loiça tinha sido partida pelo mar, as cerâmicas todas partidas. Em ambos os casos a cerâmica ficou destruída.

George Shire,
Londres/Lisboa 2019

Rita GT (Porto, 1980) Baseada em Portugal.

Licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2003), pós-graduação na Escola Maumaus em Lisboa (2004/2005), frequentou o Mestrado – MFA em Malmö Art Academy – Lund University em Malmö, na Suécia.

Interventiva e crítica, nas mensagens que transmite com a sua obra, a artista aborda temas como: a memória, a identidade ou a importância da defesa dos direitos humanos. O facto de ter vivido em diferentes países faz com que tenha uma visão alargada, equacionando e valorizando diferentes culturas e pontos de vista da história. A simbologia colonial a que recorre frequentemente, define a sua identidade e linguagem artística. Através da imagem, da palavra ou da performance, revela uma postura de constante questionamento e experimentalismo, tanto material, como conceptual.

(RE)MEMBERING / (FOR)GETTING
by Rita GT
curated by George Shire

“(Re)membering/(For)getting: The troubled ceramic histories of Portugal at home and abroad.”

An invitation to ‘(re)member/(for)get’, is an invitation to remember and forget something as well as to simultaneously break and ‘member’ and ‘get’ it again differently. It is a fugitive attempt to reimagine our histories differently.

At the heart of all imperial powers, Portugal included, has been an incredible ability to forget, an incredible factory to forget. The task for artists, writers and thinkers is to analyse this process of remembering and forgetting. Artists and thinkers who are situated as outsiders because of their work on identities and otherness offer us a decolonial and dewestern option that allows us to confront those histories of modernity that grew out of the 15th century, histories that were shaped by 1492 which are so often described as being about the discovery and exploration, that is euphemistically called the encounter – catastrophe for indigenous people and a crisis in European thinking. The challenge facing us now is an invitation to (re)member with the construction of differentness to help to form a line of thinking about the interstice which by rearticulating the memory of our past and present history, origins and displacements, we are able to forge a process of a new process of (re)membering.

Ceramics is a symbol of Portuguese history. Its place in the ‘domestic’ puts its centre stage in the ideological production and circulation of gender and feminist work. In Southern Africa, the place that I think from, the Portuguese had been present in the region for 400 years beginning with Vasco Da Gama’s ‘explorations and discoveries’ and before the British arrived just over a hundred years ago. Vasco da Gama and others took with them Portuguese tiles, ceramics and ornaments on these so-called voyages of discovery and exploration. A great deal has been written about what these colonialists and settlers got up on arrival in Africa, in Brazil and in the many islands scattered on the Indian ocean, but very little has been written or said about the lives of the women who accompanied these ‘explorers’ or those women who set out to settle in the colonies. The argument here is that reading ceramics as the symbol of Portuguese history enables us to bring into visibility the experiences of these women when they arrived on the shores of Africa and Brazil, and also to (re)member how gender and sexualities were reconfigured.

I was born in rural Zimbabwe, at Mashinge Village approximately 35 miles north of Harare. In my grandmother’s kitchen were some beautiful stacked clay pots. The traditional kitchen represented the artwork of elaborate shelves made of polished clay. The kitchen was the hut and centre of everything that happened in the homestead. Children were born there, the food was cooked there, and ceremonies were held there. When people died the body of the dead was kept overnight in the hut that makes the kitchen. My grandmother said that the kitchen was where we started and where we were all expected to spend our last night on earth. The decoration of the kitchens was made colourful and beautiful the use of clay pots nicely polished and oiled with peanut butter oil. Women were the pottery makers and the decorators of kitchens and other household rooms.

The Portuguese and other imperial powers brought with them hordes of Christian missionaries. These missionaries led the campaign that saw clay pots taken from these kitchens smashed to pieces because they provided a historic link with our ancestors and were considered sinful. When the women who accompanied the explorers arrived on the shores of Africa, Brazil and elsewhere, their pottery had been broken by the sea and the ceramics smashed to pieces. In both cases it was the breaking of ceramics.

George Shire,
London/Lisbon 2019

Rita GT (Porto, 1980) Based in between Portugal and Angola.

Five years degree in Communication Design from the Faculty of Fine Arts, University of Porto, concluded the Advanced Course in Visual Arts at Maumus School of Visual Arts in Lisbon and attended to the MA program in Fine Arts from Malmö Art Academy – Lund University in Malmö, Sweden.

RitaGT is a critical and intervening artist, approaching themes such as memory, identity or the importance of human rights. Having lived in many different countries enables her to have a broader vision, valuing the historical points of view of many cultures. The colonial symbolism that is recurrent in her work defines her own identity and artistic language. The artist uses imagery, words and performance revealing a constant interrogation and experimentalism in both material and conceptual aspects.

FROM NIGHT TO DAWN
de **Renzo Marasca**

A Galeria Belo-Galsterer tem muito gosto em apresentar From Night to Dawn, a primeira apresentação a solo do artista italiano Renzo Marasca.

Marasca percorreu toda a Europa, para estudar e entender melhor as diferentes culturas e formas de vida através da arte: De Berlim a Istambul, de Barcelona a Londres, e finalmente Lisboa, cidade de Pessoa e da luz.

Nas obras escolhidas para este projecto individual predominam os tons azuis, e nas duas pinturas de grande formato que marcam a percepção do espaço expositivo destaca-se uma intrigante sobreposição de linhas e losangos que o nosso olho quase que não consegue captar na sua minúcia e complexidade. Linhas intermináveis em esferográfica e caneta de feltro que seguem os 180 cm de altura da tela, com aguarela e costura à mistura criam uma obra multi-dimensional em termos de profundidade e percepção visuais. Estas duas pinturas chamam-se “Giugno” e “Mattina”, e são fortemente inspiradas pelos versos de Giuseppe Ungaretti, poeta italiano nascido em Alexandria, Egípto, com curso completado na Sorbonne e professor de literatura italiana na Universidade de São Paulo nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. “Giugno” é um poema em que Ungaretti fala sobre a noite, a escuridão da ‘condição humana’, falando sobre os povos africanos, esses imigrantes que nunca foram bem aceites pela cultura e povo franceses. Enquanto a frase mais importante de “Mattina” é: “Ilumino-me com imensidão”. Assim, o título deste projeto reflecte a ligação entre os dois poemas, “From Night to Dawn” é o momento em que o tempo se dissolve, no qual a escuridão cede ao amanhecer.

Nascido perto de Ancona, capital da região Marche no Adriático italiano, as referências artísticas mais fortes de Marasca são vários dos artistas que tiveram ou têm uma relação forte a arte analítica italiana e com a Arte Povera. Referências importantes para Renzo são, entre outros, artistas como Enzo Cucchi (IT, 1949) ou Francesco Clemente (IT, 1952). As viagens pela Europa acrescentaram as relações com a arte urbana, a arte decorativa muçulmana e a vivência de vários mercados e cenas artísticas ao longo dos anos. Todas essas camadas ligaram-se a ele como uma amálgama de experiências acumulativas, o que o tornou mais rico e mais sábio: “Arte é uma forma de pensar – por isso trabalho com várias camadas – é como os seres humanos: crescem e vão acumulando camadas de experiência, conhecimentos; boa arte é como um ser humano que usa estes conhecimentos da história, da cultura, e sua experiência de vida de uma forma sábia, ética.”

31 de Dezembro de 2018

Alda Galsterer

Renzo Marasca (Jesi, Ancona, 1977), vive e trabalha em Lisboa desde 2015.

Depois de uma primeira formação como restaurador de obras pitóricas na Academia das Belas Artes de Macerata, decidiu não terminar os estudos para prosseguir a própria pesquisa artística de forma autónoma. Marasca aprofundou o estudo da pintura nas residências no Pyramidon Centre d’Art Contemporani de Barcelona (2014) e no LA54 de Berlim (2012). Recebeu diversos reconhecimentos, entre os quais o Prémio ORA, Veneza (2013), o Prémio Celeste, Milão (2009) e o Premio Morlotti, Milão (2004). Entre as principais exposições pessoais, recordamos: Artista convidado na secção especial do prémio internacional G.B. Salvi, Italia (2018); Piccola Scala, Instituto Italiano di Cultura, Lisboa (2018); Eutopia – L’Europa come corpo complesso, Fusion Art Gallery, Turim (2016); Ideologie der Nature, Corpo 6 Galerie, Berlim (2013); Blasius/Litzkow/Marasca, S&G Galleries, Berlim (2010). As obras de artista fazem parte das coleções públicas da Embaixada italiana da República de San Marino e do Italian Art Museum Benghazi, Líbia.

(En. Vs.)

GALERIA
BELO-
GALSTERER

FROM NIGHT TO DAWN by Renzo Marasca

Galeria Belo-Galsterer is very pleased to present From Night to Dawn, the first solo project at the gallery by Italian artist, Renzo Marasca.

Marasca travelled around Europe to study and better understand different cultures and lifestyles through art; from Berlin to Istanbul, Barcelona to London and, finally, Lisbon, the capital of light and Pessoa.

In the works selected for this project predominate blue tones, highlighted in two large-scale paintings which determine the perspective of the exhibition space, emphasized by intriguing layering of lines and lozenges which our eyes are unable to apprehend in their minute detail and complexity. Endless ball pen and felt-tip pen lines, which follow the 180 cm canvas, and a mix of aquarelle and sewing, create a multidimensional work in terms of depth and visual perspective. These bigger paintings are named "Giugno" (June) and "Mattina" (Morning), strongly inspired by the verses of Giuseppe Ungaretti, Italian poet born in Alexandria, who completed his Studies at the Sorbonne and lectured at the University of São Paulo, Brazil, during the first year of the Second World War. "Giugno" is a poem in which Ungaretti speaks about the night and the "darkness of the human condition". He speaks about the African people, immigrants, who have never been accepted by French culture and population. On the contrary the most important sentence of "Mattina" is: "I illuminate (myself) With Immensity". Thus, the title "From Night to Dawn" refers to the moment where time is dissolved, that moment, where the black of the night becomes less and the morning light appears and takes over.

Being born in Ancona, capital of the Marche region on the Adriatic Sea, the strongest artistic references of Marasca are various artists, who had or have significant connections with Italian analytical art and Arte Povera, such as, among others, Enzo Cucchi (IT, 1949) or Francesco Clemente (IT, 1952). His travels around Europe enriched his art related experiences with new relations with urban art, decorative Arabic art and the experience of multiple markets and art scenes over the years. All these layer up in the life of the artist and created a mixture of accumulative experiences, which made him become enriched and wiser: "Art is a way of thinking – that is why I work with various layers – it is very similar to human beings: they grow and acquire layers of experience and knowledge; good art is like a human being and uses this knowledge of history, culture and its experience of life in a wise and ethical way."

December 31, 2018

Alda Galsterer

Renzo Marasca (Jesi, Ancona, 1977), lives and works in Lisbon since 2015.

After graduating in Restauration of pictorial works from the Academy of Fines Arts in Macerata, Marasca decided to continue studying and researching individually. He deepened his knowledge of painting during residencies at Piramidon Centre d'Art Contemporani in Barcelona (2014) and at LA54 in Berlin (2012).

He received various awards, among others, ORA Prize, Venetia (2013), Celeste Prize, Milan (2009) and Morlotti Prize, Milan (2004). Highlighted exhibitions of the artist include: invited artist in the selection of international prize G.B. Salvi, Italy (2018); Piccola Scala, Istituto Italiano di Cultura, Lisbon (2018); Eutopia – L'Europa come corpo complesso, Fusion Art Gallery, Turin (2016); Ideologie der Nature, Corpo 6 Galerie, Berlin (2013); Blasius/Litzkow/Marasca, S&G Galleries, Berlin (2010). Works by Marasca are part of public collection of Italian Embassy at San Marino Republic and Italian Art Museum Benghazi, Libia.